[74] Administrador do Concelho de Leiria (Julho de 1870), cônsul de Portugal nas Antilhas Espanholas (nomeado em 16 de Março de 1872, tendo partido para Havana em 9 de Novembro desse ano), cônsul de Portugal em Newcastle (1874).

[75] «De Port Said a Suez» (Janeiro de 1870); «A morte de Jesus (Abril a Julho de 1870); «Palavras sobre o jornalismo constitucional» (Julho de 1870); *O Mistério da Estrada de Sintra,* de colaboração com Ramalho (Julho a Setembro de 1870); «Fragmento da viagem do Cairo a Jerusalém» (1871); *As Farpas,* de colaboração com Ramalho (de Maio de 1871 a Outubro de 1872), «Singularidades de uma rapariga loura» (1874), «A emigração como força civilizadora» (datado de 9 de Novembro de 1874, e publicado pela primeira vez, por Raul Rego, em 1979) e, por fim, *O Crime do Padre Amaro* (de Fevereiro a Maio de 1875).

[76] Conferência proferida a 12 de Junho de 1871, sob o título de *A nova literatura* ou *o realismo como nova expressão da arte.*

[77] «Puede afirmarse», assevera Ernesto Guerra da Cal, «sin riesgo, que esta primeira redacción debió de comenzar-se en Leiria en 1870. Continuada en Lisboa, fue probablemente terminada en Cuba». *Bibliografia Queirociana,* tomo I, Coimbra, 1975, p. 17.

[78] V. a anterior análise de «O réu Tadeu», a pp. 123-133 deste livro.

[79] A. Herculano, *Eurico o Presbitero,* cap. 4, p. 46. Itálico nosso.

[80] Ou seja, de 1870 a 1880, data da 3.ª edição. A segunda edição é de 1876.

[81] «Singularidades duma rapariga loura», in *Brinde aos Senhores Assinantes do «Diário de Notícias» em 1873,* Lisboa, 1874.

[82] J. Batalha Reis, «Anos de Lisboa (Algumas lembranças)», texto n.º 24, na 3.ª parte deste livro.

[83] V. *Páginas de Jornalismo — «O Distrito de Évora» (1867),* nota introdutória e revisão do texto de Aníbal Pinto de Castro, vol. II, Porto, 1981, pp. 437-493.

[84] Escrito perdido ou a primeira versão de «Singularidades duma rapariga loura» (1874), como conjectura João Gaspar Simões? E. Guerra da Cal considera que a hipótese de Gaspar Simões é «altamente improbable pues de ser así Batalha Reis sin duda la haberia identificado como tal, en 1903, al escribir la introducción de *Prosas Bárbaras*» *(Bibliografia Queirociana,* tomo 1.º, p. 421, n.º 1415. Não parece que a restrição de Guerra da Cal prove que a hipótese de Gaspar Simões não corresponda à verdade dos factos, embora estes não sejam fundamentáveis em qualquer documento conhecido. Mas é, afigura-se-nos, uma hipótese que não deve ser deitada pela borda fora.

[85] «Guitarra de Satã» — I, texto n.º 13, na 3.ª parte deste livro.

[86] *Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins,* Coimbra, 1931, pp. 33-34. Itálicos nossos, excepto «uma revolução».

[87] *Cartas de Antero de Quental a A. de Azevedo Castelo Branco,* Lisboa, 1942, p. 82.

[88] «Sabes», escrevia Eça a Batalha Reis, «— que vou publicar um volume o *Padre Amaro.* Como *volume,* quero publicá-lo completo: são-me portanto indispensáveis os capítulos — que na publicação que faz a revista foram suprimidos.» *(Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis* — Cartas e Recordações do seu Convívio), Porto, 1966, p. 33.

[89] *Idem, idem,* pp. 26 e 25.

III

CARLOS FRADIQUE MENDES (1869 - 1870)

CORPUS DOCUMENTAL

III.1. AS POESIAS PUBLICADAS

III.1.1. PRIMEIROS POEMAS PUBLICADOS [1]

[1]

FOLHETIM

São do sr. Carlos Fradique Mendes — um verdadeiro poeta, que por ora só conhecem os seus amigos íntimos — as seguintes poesias.

Habitando Paris durante muitos anos, conheceu o sr. Fradique Mendes pessoalmente a Carlos Baudelaire, Leconte de Lisle, Banville e a todos os poetas da nova geração francesa. O seu espírito, em parte cultivado por esta escola, é entre nós o representante dos *satanistas* do Norte, de Coppert, Van Hole, Kitziz, e principalmente de Ulurus, o fantástico autor das *Auroras do Mal.*

O sr. Fradique Mendes tem hoje completas três grandes colecções de poesias que, pela unidade, pela dominação duma ideia geral, e ainda pela intimidade de forma, constituem três vastas epopeias. A primeira colecção, de versos amorosos, de pequenos romances, tem por título: *A Guitarra de Satã.* A segunda, poesias filosóficas, denomina-se: *Boleros de Pã.* A terceira, série de poesias históricas e fantasias dramáticas, chama-se: *Ideais Selvagens.* Avultam entre as de maior valia «A Morte

[1] *A Revolução de Setembro,* Lisboa, 29 de Agosto de 1869, n.º 8167.

de S. Jerónimo», «Os Beijos no Calvário» e o «Testamento do Abutre».

Contamos poder brevemente publicar um fragmento denominado: «Para as Andorinhas Lerem», e um outro: «Alma, Lama».

Esta tendência do exuberante *subjectivismo* artístico que pela quebra das derradeiras peias do formulismo e da tradição *clássica* se espraia libérrimo até à licença, espontâneo e pessoal, até ao individualismo exagerado, para o que concorre especialmente o caótico da concepção filosófica, social e estética dos tempos modernos — tempos de laboração e de anarquia, de emancipação e transição, — esta tendência profundamente pessoal e originalmente *romântica* — dizemos —, que chamam poesia *satânica*, quase não tem tido em Portugal representantes ou prosélitos ou apóstolos, quase não teve eco na alma das sociedades peninsulares, onde tanto se arreigou a *fé* romana, e que por tanto tempo andou atrofiada sob o duplo despotismo civil e religioso, dirigido, alimentado e explorado pelo monarquismo.

Por mais de um motivo são pois curiosas as poesias que hoje publicamos.

[2]

SONETO

A cruz dizia à terra onde assentava,
Ao val florido, ao monte nu e mudo:
— «Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava,
Que fazes tu de grande e bom contudo?
Resignada, és só lodo, informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e hórrida lava ...

Mas a mim não há alta e livre serra
Que me possa igualar! Amor, firmeza,
Sou eu só — sou a paz ... tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz! tu és tristeza,
Ó lodo escuro e vil!...» Porém a terra
Respondeu: — «Cruz, eu sou a Natureza!»

[Antero de Quental]

[3]

SERENATA DE SATÃ ÀS ESTRELAS

I

Nas noites triviais e desoladas,
Como vos quero, místicas estrelas!...
Lúcidas, antigas camaradas...
Gotas de luz, no frio ar nevadas,
Pudesse a minha boca inda bebê-las!

II

Nem vos conheço já. Por onde eu ando!...
Sois vós místicos pregos duma cruz,
Que Cristo estais no céu crucificando?...
Quem triste pelo ar vos foi soltando
Profundos, soluçantes ais de luz!

III

Oh! viagens nas nuvens desmanchadas!...
Doces serões do céu entre as estrelas!...
Hoje só ais, ou lágrimas caladas...
Ai! sementes de luz, mal semeadas,
Ave do céu, pudesse eu ir comê-las!

IV

Triste, triste loucura, ó flores da cruz,
Quando eu vos dizia soluçando:
Afastai-vos de mim, cardos de luz!...
Pudesse eu ter agora os pés bem nus,
Inda por entre vós i-los rasgando!...

V

... ...

Hoje estou velho e só e corcovado.
Causa-me espanto a sombra duma estola;
Enche-me o peito um tédio desolado:
E corro o mundo todo, esfomeado,
Aos abutres do céu pedindo esmola.

VI

Eu sou Satã o triste, o derrubado!
Mas vós, estrelas, sois o musgo velho
Das paredes do céu desabitado,
E a poeira que se ergue ao ar calado,
Quando eu bato c'o pé no Evangelho!

VII

O céu é cemitério trivial:
Vós sois o pó dos deuses sepultados!
Deuses, magros esboços do ideal!
Só com rasgar-se a folha dum missal,
Vós caís mortos, hirtos, gangrenados.

VIII

Eu sou expulso, roto, escarnecido,
Mas a vós já ninguém vos quer as leis.
Ó velho Deus! ó Cristo dolorido!
Lembrai-vos que sois pó enegrecido,
E cedo em negro pó vos tornareis.

[Eça de Queirós]

[4]

A VELHINHA

I

Eu gosto pelas ruas da cidade,
De ver uma velhinha corcovada,
Cheia de rugas, cheia de saudade,
Invejosa, mirando a mocidade,
Que passa, crente, alegre, e descuidada.

II

Acho que tem beleza e poesia
Esse invejar saudoso do passado,
E na cara da velha, que se ria,
Vê-se, coitada! só melancolia,
Saudades sepulcrais do seu noivado.

III

Pára sozinha, às vezes, numa esquina
Olhando para o chão como espantada;
E a pobre, e vã cabeça, que se inclina,
Busca na terra alguma luz divina,[2]
Que se esvaiu desfeita e apagada.

IV

Outras vezes sorrindo d'ironia,
Pára mirando uma mulher formosa,
Que vai vivendo das visões que cria,
E põe felicidade e poesia,
Onde a velha só vê desgraça e prosa.

[2] No original manuscrito: *Procura pelo chão sombra divina.*

V

Na velhinha enrugada a espaços vejo
Que há nos olhos volúpia relembrada!
Corda quebrada a dar último arpejo![3]
Ei-la olha as primaveras com desejo
E caminha tremendo, e corcovada.

[Jaime Batalha Reis]

[3] No original manuscrito: *Corda quebrada dando último harpejo!*

[5]

FRAGMENTO DA *GUITARRA DE SATÃ*

IX

Estranha aparição,
Que em minhas noites vejo ...
Ó filha do Desejo!
Filha da Solidão!

Não sei qual é teu nome,
E donde vens, ignoro.
Só sei que tremo e choro
Como de frio e fome;

Que por unir ao peito
A tua imagem, viva,
E ter-te, convulsiva,
No meu ardente leito;

Que por fundir contigo
Suspiros, ais, rugidos,
Dera ideais queridos,
Deuses, e fé que sigo! [4]

Sim! dera as profecias
Dos cultos salvadores,
E os Gólgotas, e as dores,
E as Bíblias dos Messias!

Por ti minha alma clama ...
Corre a meus braços, breve!
Sejas de fogo ou neve ...
Sejas cristal ou lama ...

Se és Beatriz sou Dante,
Sou santo se és divina ...
Se és Lais ou Messalina,
Sou Nero, ó minha amante!

[Antero de Quental]

[4] No original manuscrito, variante rejeitada: *E na fé e o Deus que sigo!*

III.1.2. POEMAS DO MACADAM [5]

[6]

«POEMAS DO MACADAM»

Por especial obséquio do autor, publicamos algumas poesias do nosso amigo e originalíssimo poeta Carlos Fradique Mendes, as quais fazem parte da colecção que, sob o título expressivo de *Poemas do Macadam*, verá brevemente a luz da publicidade. O sr. Mendes é um dos poetas mais bem dotados da nova geração.

Como amigo e como crítico, apraz-nos confessar isto. Mas, feita esta reserva sobre as qualidades puramente estéticas do nosso amigo, a sua originalidade de estilo, facilidade de ritmo, colorido de frase, e aquele *não-sei-quê* que caracteriza o verdadeiro talento *né artiste*, feitas estas reservas, a nossa consciência manda-nos em nome de alguma cousa superior à simples estética, em nome do *ideal na arte*, que é a sua lei suprema, protestar amigavelmente, mas energicamente, contra a *ideia mãe* da sua poesia, o fundo mesmo de sentimento sobre que assenta a sua inspiração.

O sr. Mendes pertence a uma grande escola, que por toda a Europa veio substituir em parte, e em parte opor-se à escola

[5] *O Primeiro de Janeiro*, Porto, domingo, 5 de Dezembro de 1869, n.º 272.

romântica. Sabemos que essa escola tem uma estética sua, uma poética, tudo enfim quanto caracteriza um verdadeiro *movimento* no mundo do espírito, e conta à sua frente chefes do maior talento, dos mais variados recursos. Baudelaire é hoje um nome europeu: crítico e poeta, legislou e pôs em obra as doutrinas da nova *pléiade*.

Van Hole, Hulurugh, Schatchlig em Alemanha, em França Leconte de Lisle e Barrilot, seguiram, exagerando-o ainda, o princípio do autor das *Flores do Mal*. O *satanismo* é hoje um facto literário europeu, um grande movimento. Pois bem, dizemos nós, é por isso mesmo que o devemos combater.

Ser uma grande tendência não quer dizer ser uma boa tendência. Uma escola não é um dogma; e se a poesia por toda a parte segue uma errada direcção, por toda a parte se deve levantar o conselho, a doutrina e o protesto.

O *satanismo* pode dizer-se que é o *realismo* no mundo da poesia. É a consciência moderna (a turva e agitada consciência do homem contemporâneo!) revendo-se no espectáculo das suas próprias misérias e abaixamentos, e extraindo dessa observação uma psicologia sinistra, toda de mal, contradição e frio desespero. É o coração do homem torturado e desmoralizado, erigindo o seu estado em lei do Universo ...

É a poesia cantando, sobre as ruínas da consciência moderna, um *requiem* e um *dies irae* fatal e desolador!

Ora, francamente, será esta a missão da Poesia?

O seu ideal, isto é, a sua lei suprema, não será, pelo contrário, consolar, moralizar, apontar o belo espiritual, a esperança e a crença? Que quer dizer a fria contracção da ironia, nos lábios da virgem feita para sorrir e cantar? A poesia não pode ser o grito da agonia: é a voz mais pura e mais íntima do coração: é mesmo nas vascas da morte, é sobretudo nas horas da provação, um hino, *carmen*.

Não estará pois a nova escola, com todo o seu talento e originalidade poderosa, arrastando a Arte para um caminho de perdição, no fim do qual não pode estar senão a ruína do mundo moral e a morte da mesma poesia? Não será comprometer os destinos da Musa fazê-la assim vestir trajos tão desvairados, apresentando-a num teatro tão estranho aos seus íntimos instintos, às suas aspirações, à sua tradição?

É o que firmemente acreditamos. O nosso amigo tem um espírito muito alto e muito esclarecido, para que não entre (passado o primeiro período de ardor, próprio das vocações verdadeiramente originais) no caminho eterno da grande poesia, o caminho largo, sereno e luminoso do Ideal. Com os seus belos dotes, o seu gosto, e a sua já hoje vasta instrução, prevemos-lhe então um grande futuro e prevemos à nossa época um verdadeiro poeta.

A[ntero] Q[uental]

[7]

A CARLOS BAUDELAIRE

(Autor das *Flores do Mal*)

Ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassível!
Fino lábio a sorrir, sob um estranho olhar!
Tua boca descreve o criminoso, o horrível,
Enquanto a tua voz parece só cantar ...

Indiferente, vais como a desdém pisando
Um chão de vício e horror, com passo virginal.
Na tua mão *gantée*, trazes, como brincando,
Um sinistro *bouquet*, a negra *flor do mal*!

O tétrico — o que faz tremer dentro do peito
O coração dos mais —, poeta, é para ti
Só pretexto talvez dalgum feliz conceito,
Um verso original, uma rima que ri ...

Dante do Boulevard, cantas o desespero,
Ao som duma ária vã, como um fútil rondó ...
Pintor, deixas-nos ver a alma escura de Nero,
Com o *négligé* e a cor de Boucher ou Watteau ...

Essa fronte de neve, esse crânio de gelo,
Se os estalasse alguém veria, creio eu,
Surgir estranho ser — Byron, Polichinelo,
Confundidos num só, co'a face d'Asmodeu!

É o mal com consciência, e tanta, e tão terrível,
Que cai na afectação, nas frases *recocó* ...
E esse olhar fixo e estranho e essa fronte impassível
Dão um frio mortal, pior que pranto e dó ...

Sim, descer onde tu desces — na Primavera
Ver só o insecto vil, que rói a bela flor —
(Em despeito do estilo e da rima severa)
Não se faz sem sofrer ... tu conheces a dor!

Tu sabes o que é dor, ó sereno estilista!
Sob o fraque do *dandy* há em ti, bem o vês,
Um poeta, um leão, um demónio, que o artista
Pode a custo conter, domar, calcar aos pés!

És o símbolo, tu, dum século fantasma,
Tão sábio que é ateu, e já não quer chorar ...
Que tem cãs sem ser velho, e que de nada pasma
Olhando o mundo à luz do gás do Boulevard ...

Somos todos assim — um triste olhar que chora
E encobre, chocarreira, a luneta do tom ...
Um esqueleto frio e horrível — mas por fora
Irréprochablement vestido à Benoiton!...

Paris: dia do enterro de Baudelaire: 7 de Setembro de 1867.

[Antero de Quental]

[8]

INTIMIDADE

Quando no Boulevard passas, e toda
Essa gente te mira cobiçosa,
És bela — e se te não comparo à rosa
É que a rosa, bem vês, passou de moda ...

Anda-me às vezes a cabeça à roda
Atrás de ti também, flor caprichosa!
Nem pode haver, na multidão ruidosa,
Coisa mais linda, mais absurda e douda —

Mas é na intimidade e no segredo,
Quando tu coras e sorris a medo,
Que me apraz ver-te e que te adoro, flor!

E não te quero nunca tanto (ouve isto)
Como quando por ti, por mim, por Cristo,
Juras — mentindo — que me tens amor ...

Paris — 1867.

[Antero de Quental]

[9]

AS FLORES DO ASFALTO

As flores que nossa alma descuidada
Colhe na mocidade com mão casta,
São belas, sim: basta aspirá-las, basta
Uma vez, fica a gente enfeitiçada.

Nascem num prado ou riba sossegada,
Sob um céu puro e luz serena e vasta:
Têm fragância subtil, mas nunca exausta,
Falam d'Amor e Bem à alma enlevada ...

Mas as flores nascidas sobre o asfalto
Dessas ruas, no pó e entre o bulício,
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que têm elas, que assim nos endoidecem?
Têm o que mais as almas apetecem ...
Têm o aroma irritante e acre do Vício!

Paris — 1867.

[Antero de Quental]

[10]

NOITES DE PRIMAVERA NO BOULEVARD

Quando em tardes d'Abril, à luz crepuscular,
Saio de casa e vou buscando um pouco d'ar,
Que tumulto na rua! e que inferno de gente,
Que levam mil paixões, confusa, douda, ardente!
É um mundo que sai, parece, das visões
De Dante ou S. João, ruindo entre baldões
Dum círculo infernal para outro mais profundo,
E outro, e dez, e mil, buscando sempre o fundo!
E, em volta, a luz vibrante e vívida do gás
Inunda a multidão, inimiga da paz!
Sai desta confusão uma horrível poesia,
Uma volúpia atroz, uma estranha magia,
Que irrita, acende e faz os sentidos arder.
Exalação magnética, aromas de mulher,
O contacto que excita, um fluido de desejos,
E como que no ar um trocar-se de beijos,
Sem destino e sem dono, ardentes e cruéis ...
É o povo, outra vez, das antigas Babéis,
É Gomorra, outra vez, e o lago de Sodoma,
E as Bacantes febris da desgrenhada Roma,
Com mais força somente, e essa nova paixão
Que sai do foco a arder da Civilização!
Sim, há paixão ali, e vida, intensa vida
Por mil caminhos vãos espalhada e perdida,
Mas magnética, activa e enchendo todo o ar
Dum fluido de delírio, em vórtice a girar ...
Em volta da cidade é como uma cintura
De loucura e d'amor, sobre a extensão escura ...
É outro o mundo ali! outra ideia! outro ser!
O Bem, o Mal, não têm o aspecto que usam ter ...
O vício é formosura — o vício é poesia —,
Parece a criação ter por lei a folia,
E sentidos, e alma, e tudo, em confusão,
Bradam: — «O Universo, é filho da paixão!
Amai, vivei, clamai! rugi, se nos rugidos
Há uma força mais, que levante sentidos!
Se o Vício não bastar, no Crime pode haver

Magia e atracção e fonte de prazer!
Em nós habita Deus! — o mais, matéria morta!
Que o mundo caia em volta e se alua, que importa?»
... ...
... ...
E lá de cima o céu, imenso e fundo, está
Olhando, com olhar d'estrelas, para cá ...
Mas o mais triste, ó céu! ó astros! é que o abismo,
Que tenho em torno a mim, é no que penso e cismo!
A vertigem também minha alma me tomou ...
Sinto o terrível fluido ... e vou, e vou, e vou ...
E desejo e estremeço ... e o delírio parece
Que me enche o coração, e a vida me endoidece!
Sim! a Paixão governa e o Prazer é rei!
O mundo é artifício! — e, incerto, nem já sei
Se estes bicos de gás são realmente estrelas,
Ou só bicos de gás essas esferas belas!

Paris: Abril de 1867.

[Antero de Quental]

Na volta, pela madrugada, abancámos a cear numa tasca do Arco do Cego. Éramos, a esse tempo, um grupo numeroso. Apareciam amigos, conhecidos, desconhecidos. Nós, expansivamente, íamos convidando. Eles iam comendo, bebendo, desaparecendo. Quando rompeu o dia e quisemos nós mesmos partir, descobrimos que havíamos gasto, em bacalhau, iscas de fígado, azeitonas e *colares*, um dinheirão que não tínhamos na algibeira.

Comêramos num pátio onde havia galinhas e uma horta com couves e parreira. Ao lado, dava para esse pátio uma casa estreita, de janelas sem vidraças, onde se guardavam frutas, legumes secos e feno. Era madrugada.

O Eça de Queirós e eu, já sonolentos, resolvemos esperar ali, até à tarde seguinte, que o João de Sá e o Zagalo nos viessem desempenhar com o dinheiro necessário a pagar as nossas dívidas.

Cerca do meio-dia acordámos sobre os molhos aromáticos do feno, rodeados por galinhas e pombos familiares. As paredes da casa onde dormíramos eram caiadas. Então — depois de almoçarmos ainda a crédito — com dois lápis, devorando fruta, principiámos a cobrir as paredes dum longo poema, difuso, indeterminado, lírico, humorístico, tristíssimo e hilariante, misto, como género, do *Childe Harold* e *D. Juan* de Byron, do *Mardoche* e *Namouna* de Musset, do *Intermezzo* de Heine, e da *Fabia* de Francisco Palha. Este exercício durou quatro ou cinco horas. Duas das paredes da casa ficaram, até à altura de homem, cinzentas de versos.

Sinto hoje não haver copiado, e ter completamente esquecido, a parte do Eça de Queirós nesta colaboração extravagante: Lembro-me nitidamente de que havia nessa parte trechos espantosos pelas imagens originais, pela fantasia, pela graça, pelo imprevisto.

Jaime Batalha Reis

[24]

ANOS DE LISBOA

(Algumas lembranças) [6]

Conheci o Antero de Quental em 1868.

Eu era por essa época muito novo. As cartas do Antero na famosa *Questão de Coimbra*, as *Odes Modernas*, a *Defesa da Carta Encíclica*, haviam-me impressionado profundamente e faziam-me lutar, pelas novas ideias, só, entre os meus amigos que eram então, como eu, Estudantes das Escolas de Lisboa. Essa luta limitava-se, é claro, a conversas, a discussões, às vezes, contudo, bastante vivas: a soco me recordo haver discutido, por causa das *Odes Modernas*, na Livraria Rodrigues da Rua do Ouro, com um dos meus mais íntimos amigos que lhes antepunha, não sei já se o *D. Jaime*, se o *Poema da Mocidade*.

Um dia pois de 1868, o Mariano Machado, o Francisco Machado, o Eça de Queirós e o Manuel de Arriaga trouxeram o Antero de Quental a minha casa. Eu ocupava então um quarto de estudantes, num dos prédios de esquina entre a Travessa do Guarda-mor e a Rua dos Calafates. (Estas ruas têm hoje, julgo eu, nomes de contemporâneos ilustres).

O Antero de Quental acabava de publicar o *Portugal perante a Revolução de Espanha*. Era um dia lindíssimo de sol e de céu azul.

— Vimos-te buscar, disse rindo o Mariano Machado, para um largo passeio e uma revolução ibérica.

— Pronto, respondi eu logo, pronto enquanto à primeira parte do programa; que enquanto à segunda, talvez não seja mau pensar antes.

— É bom sempre pensar, disse o Antero, com um sorriso muito alegre — e muito irónico.

O Antero de Quental ainda então se parecia com um retrato dos seus tempos de Coimbra que foi há pouco reproduzido e ampliado, em Lisboa, na Fotografia Fillon: Usava uma enorme

---

[6] As pessoas que organizaram a publicação deste livro conhecem as objecções que eu apresentei quando fui convidado a colaborar nele. Instado, apesar delas, a enviar a única coisa que me pareceu possível prometer, — o apontamento de algumas breves recordações anedóticas dos quinze anos em que o Antero de Quental e eu vivemos juntos, — não é mais do que isso o que vai ler-se. (J. B. R.)

cabeleira encrespada, dum louro avermelhado que lhe invadia a testa; uma barba frisada, intonsa, que lhe trepava pelas faces; tinha uns olhos muito claros, alegres, irónicos, maliciosos, — ou abstractos e perdidos.

Partimos todos, por S. Pedro de Alcântara e a Patriarcal, para o Passeio da Estrela. Aí, junto dum banco onde alguns se sentaram, sob as árvores, no isolamento dos alegretes de flores, começamos — *a conspirar*.

Mas dentro em pouco já nenhum de nós pensava na Revolução de Espanha, ou no Iberismo: uma terrível e ruidosa luta se empenhara entre a Metafísica serena do Antero de Quental e o Positivismo inflamado do Mariano Machado.

Desde esse dia até 1872, só me apartei do Antero de Quental durante as suas viagens, ou durante as minhas.

*
* *

O Antero de Quental vivia em 1868, algures, para os lados da Rua dos Fanqueiros, num 5.º andar; mas passava quase todos os dias, e todas as noites, no meu quarto da Travessa do Guarda-mor.

Ali estavam sempre o Eça de Queirós, o Salomão Saragga, e frequentemente o Lobo de Moura, o Mariano Machado, o Manuel de Arriaga e o Santos Valente, que nos espantava recitando versos de sua composição em latim e grego.

Todos os grandes problemas do Universo foram aí discutidos, agitados, durante meses, por longas horas, até às madrugadas. No quarto próximo, separado apenas do meu por uma porta, habitaram por muito tempo dois Cónegos da província. O ruído dos nossos violentos debates, por ventura a impiedade de muitas das nossas opiniões radicais sobre todos os assuntos, políticos, sociais, religiosos, filosóficos, não os deixava dormir. De manhã já, quando nós, enfim, nos deitávamos ou saíamos, ouvia-se os Cónegos furiosos, desistindo de descansar, lavando as mãos como quem afia espadas, e bradando, através da porta, ameaçadores, para nós.

— Isto não pode continuar assim: Ou nós ou eles.

E do outro lado do tabique, o Eça de Queirós, melodramático, bradava-lhes:

— Sempre, sempre, ao pé da Igreja a Revolução!

Muitas vezes íamos, atravessando a cidade, pela meia noite, para os lados de Belém e Paço d'Arcos, para Xabregas e Beato

António, ou para o Cemitério dos Prazeres e Monsanto, conversando, discutindo perpetuamente, até vermos, dalgum alto, nascer o sol.

Por cima do muro do Cemitério, que nós costeávamos para descer à Ribeira de Alcântara e passar à Serra, via-se de corpo inteiro, sobre um túmulo, a estátua de pedra de qualquer morto ilustre ou rico, que às vezes parecia mover-se na noite, entre as cruzes, os corochéus dos monumentos e as ramarias agitadas das árvores. Um de nós havia-a denominado «a estátua do Comendador ... Soares»: O Antero de Quental interrogava-a, gravemente, em discursos ansiosos, sobre o Enigma das Cousas; o Eça de Queirós, supersticioso, aterrado, lívido, dirigia-lhe versos fantásticos; e eu fui uma vez encarregado de a convidar para a ceia, por meio do recitativo irónico do Leporello de Mozart.

Outras vezes, nas praias do Tejo, para os lados de Cascais, onde chegávamos alta noite, deitávamo-nos na areia, ou sentávamo-nos nalgum barco deixado só na amarração, e aí, sob o luar, ou sob as estrelas, seguíamos discutindo até nascer o sol.

Nestes passeios nocturnos o Antero descrevia, inesgotável, as suas teorias, as suas improvisações filosóficas e sociais, o seu sonho de criar uma Filosofia, uma Forma de Governo, uma nova Forma de Sociedade. As ideias socialistas que ele expunha então eram principalmente derivadas de Proudhon; as concepções filosóficas do Idealismo hegeliano.

O Eça de Queirós pensava publicar em volume, sob o título irónico de *Prosas Bárbaras*, os contos estranhos que escrevera na *Gazeta de Portugal*; mas desdenhava já dessa forma romântica e fantástica. Flaubert era para ele o primeiro escritor do mundo; *Madame Bovary*, o maior livro de todas as Literaturas; o Naturalismo a Escola definitiva da Arte. E escreveu então, em grande parte no meu quarto, e leu-nos, uma noute, a mim e ao Antero de Quental, o esboço completo dum romance que ele intitulava *História dum lindo corpo*.

De acordo com este naturalismo estético o Eça de Queirós dizia-se positivista e considerava a Metafísica cousa tão absolutamente morta como a Mitologia greco-romana:

— O quê, menino? palavra? Ainda a Metafísica?! — dizia ele ao Antero.

E tinha sobre a filosofia os ditos mais originais.

Eu era um estudante de Ciências naturais, lia muito Comte, Littré, a *Revue de Philosophie Positive*, e apoiava o Queirós com frenesi.

O Antero sereno, demorado na frase, em voz quase baixa, dissecava as minhas invectivas, e respondia com outros ditos, ao faiscar dos ditos inesperados do Eça de Queirós.

Às vezes ia connosco o Manuel de Arriaga, contra cujo Espiritualismo, sentimental, e como que flutuante, nos ligávamos todos três. E quando então parávamos sob as árvores, — de cujos ramos o Manuel de Arriaga dizia que as estrelas vinham suspender-se como frutos de ouro, — este recitava-nos poesias em que a Natureza aparecia vagamente antropomorfa, tenuemente panteísta, numa melodia de forma e numa indecisão de ideia que o Antero comparava a indeterminadas *Sonatas* musicais.

*
* *

E como, o Antero e eu, nos tivéssemos habituado a estar juntos dia e noute, pensando em voz alta, conversando, discutindo, esquecidos muitas vezes, quase, de tudo que não fossem as ideias em conflito dos mil Sistemas, fomos viver ambos para S. Pedro de Alcântara, em frente da Alameda, na sobreloja duma casa que foi depois substituída por um palácio moderno, perto do Convento do alto.

O Antero já então caminhava pouco, cedendo gradualmente a um estado mórbido intermitente ainda, mas que às vezes, por dias, o impedia de bem se alimentar, e o conservava inválido, deitado de costas sobre a cama, a ler, a cismar, a conversar, a discutir, puxando incessantemente pelos cabelos das barbas, com as sobrancelhas muito elevadas, a testa pautada de numerosas rugas horizontais, e os olhos cerrados, dirigidos vagamente ao tecto, como que perdidos numa visão longínqua.

A Alameda de S. Pedro de Alcântara, em frente de nossa casa, permitia ao Antero de Quental fazer algum exercício sem se afastar muito. De madrugada íamos para lá continuar peripateticamente as nossas discussões metafísicas.

Acometera-nos por esse tempo uma mania de esgrima; e com dois sabres de pau, às 4 ou 5 horas da manhã, num canto afastado da Alameda, sovávamo-nos mutuamente, com grande alvoroço da guarda do Convento que por duas vezes correu a prender-nos como duelistas, e depois, conhecendo-nos já, nos considerava como doidos inofensivos.

A nossa conversação só terminava quando o sol nascia por detrás da Senhora do Monte, dos altos da Graça, ou do Castelo de S. Jorge; e era só com o céu já coberto de nuvens alegres, em baixo do vale do Passeio público já fresco de manchas verdes, e o Tejo ao fundo, cheio de névoa penetrada de luz, que nós recolhíamos a casa para dormir.

De dia descíamos às vezes ao Jardim que está imediatamente sobre a muralha, e aí passeávamos, por horas.

O sítio era solitário: Duas ou três amas dormitavam nos bancos, requestadas pelo ardor disciplinado de guardas municipais dolentes. Algumas crianças passevam graves, como que impressionadas, já, tão novas, por um tédio etnológico.

Uma tarde o Antero de Quental, o Eça de Queirós e eu, — porventura filosoficamente opressos pela inacessibilidade do Absoluto, talvez pessoalmente contrariados por simples misérias da existência, quem sabe se aflitos por algum defluxo teimoso, — praticávamos, acabrunhados, no ângulo do Jardim que olha para a Calçada da Glória, e dávamos, a espaços, expressão fragmentada, em frases interrompidas, ao que nos comovia:

— Que fazer ... que fazer! ...

— Os Problemas esvaem-se, quando já julgamos havê-los posto em equação ...

— ... com mais incógnitas do que as que podem ser explicadas ...

— As Religiões estalam em volta das almas que já não cabem dentro delas ...

— As necessidades religiosas dos espíritos completos perturbam as Filosofias racionais ...

— Em todos os Progressos se sente, essencialmente, que a distância ao Infinito é sempre, para todo o sempre, a mesma ...

— Que fazer ... que fazer?!...

— Antinomias insolúveis ...

— O resto do mundo não vale mais que este país ...

— ... sendo ao mesmo tempo certo que este país vale menos que o resto do mundo ...

— Porque não poder entrever, ao menos, a Teoria do Universo ...

— Entremos contentes na realidade burguesa ...

— Corramos a Cenóbios ...

— Corramos ao Chiado ...

— Tra la rá la ri
Tra la ra la rá ...
Oh! prazeres da Baixa
Quem vos dera cá! ...

— Ensimismemos-nos na contemplação do Ser.
— Vejamos idiotamente passar Deputados ...
— ... ou sejamos, nós mesmos, Deputados idiotas que passam ...
— Admiremos os Poetas líricos gratos às Damas de Lisboa ...
— ... ou recitemos, nós mesmos, versos sancionados no Martinho ...
— Que fazer ... que fazer?! ...
— Tantos Mundos, em descoberta, a explicar ...
— Tanto cérebro incapacitado por Dispepsias ...
— Oh! templos simples da Beleza grega!
— Oh! Epicuro! ...
— Tempos do nítido e simples ideal heróico! ...
— Oh! Homero! ...

E todos três, tristíssimos, desesperados, num mesmo movimento nos voltámos ...

Exactamente por detrás de nós, na quinta do alegrete, erguia-se um busto de Homero que vagamente conhecíamos, mas em que nunca havíamos reparado.

Fitámo-lo sombrios.

Mas para logo ... numa convulsão ... num espasmo ... todos três, apertando as ilhargas, caímos a rir ... a rir ... a rir ... num banco próximo e no chão do Jardim.

E de então por diante, sempre que algum de nós descria do Ideal, ou desesperava da vida, baixava ao Jardim de S. Pedro de Alcântara a contemplar o busto alegre de Homero, esculturalmente realizado, por não sei que artista português, em mármore e em grotesco, tão grande, noutro género, como a *Ilíada*, e muito maior, no mesmo género, que a *Batrachomyomachia*.

O Antero de Quental, e todos nós, devemos muito, por anos, a esse busto hilariante e consolador.

Foi à casa de S. Pedro de Alcântara que o Guerra Junqueiro veio ler o primeiro manuscrito da *Morte de D. João*.

Foi aqui que começámos a tratar o Oliveira Martins, e era aqui que mais tarde, já reconciliado com o Antero de Quental, com quem no Porto se batera em duelo, aparecia, às vezes, o Ramalho Ortigão.

O Augusto Fuschini, o José Tedeschi, o Philemon da Silva Avelino, o Alberto Teles, o António Machado e o Augusto Machado, — que começava então a compor música, a quem nós encarregávamos de nos fornecer de ideal sob essa forma, e para quem o Antero de Quental traduziu um *libretto*, — vinha também, além dos já mencionados, mas mais acidentalmente.

Mais tarde chamou-se a isto um *Cenáculo*. Várias pessoas brilhantes, e *do mundo*, acharam útil colocar-nos em atitudes consagradas e interessantes e atribuir-nos *Poses chics*, caluniando-nos com a imitação da Boémia literária francesa de 1830. Posso porém asseverar que o Antero de Quental, e o grupo muito limitado dos seus amigos, ignoraram sempre, absolutamente, que fossem *um Cenáculo*, ou qualquer outra cousa com pretensões a *Escola*, a *Centro*, a *Núcleo* pitoresco de Filosofia e Arte. [...]

*
* *

Um dia, pensando na riqueza imensa do moderno movimento de ideias, cuja existência parecia ser tão absolutamente desconhecida em Portugal, pensando na apatia chinesa dos lisboetas, imobilizados, durante anos na contemplação e no cinzelar de meia ideia, velha, indecisa, em segunda mão, e em mau uso, — pensámos em suprir uma das muitas lacunas lamentáveis criando ao menos, um poeta satânico. Foi assim que apareceu Carlos Fradique Mendes.

O nosso plano era considerável e terrível: Tratava-se de criar uma filosofia cujos ideais fossem diametralmente opostos aos ideais geralmente aceites, deduzindo, com implacável e impassível lógica, todas as consequências sistemáticas dos pontos de partida, por monstruosas que elas parecessem. Dessa filosofia saía naturalmente uma poesia, toda uma literatura especial, que o Antero de Quental, o Eça de Queirós e eu, nos propúnhamos construir a frio, aplicando os processos revelados pelas análises da Crítica moderna, desmontando e armando a emoção e o sentimento, como se fossem máquinas materiais conhecidas e reproduzíveis.

Para que o movimento se apresentasse respeitavelmente aos olhos dos imitativos Publicistas da capital portuguesa, onde nós íamos fazer viver e pensar Carlos Fradique Mendes, era indispensável criar-lhe uma tradição, uma Escola, que se pudesse supor admirada algures, nos venerados países estrangeiros. Além de que, nós projectávamos criar no mais íntimo e fantástico absurdo,

no mais extremo contraditório, nas regiões mais irracionais e insensatas do Espírito, mais longe, mais fundo que Poë, que Nerval, que Baudelaire.

Os *Satânicos do Norte* foram assim inventados; os seus nomes, biografias e obras, coordenadas. Sobre eles se publicou um primeiro folhetim na *Revolução de Setembro* acompanhando algumas poesias de Fradique: O nome dum desses monstruosos poetas era perigoso de pronunciar, produzia o vómito, tendo só consoantes: Hrldwzh. Mas o *grande artista* que mais aceitação teve em Lisboa foi Ulurug, citado, com respeito e louvor, em livros de Crítica literária do tempo: Os livreiros, instados por alguns dos mais cultos literatos portugueses, durante muitos meses encomendaram, para Paris, as *Obras completas*, deste diabólico e fantástico autor.

As poesias publicadas sob o nome de Carlos Fradique Mendes não dão porém ideia do que realmente nos propúnhamos fazer. As obras mais características ficaram inéditas. Algumas conservo eu ainda nos autógrafos originais do Antero de Quental e do Eça de Queirós.

Essas poesias eram supostas artificialmente escritas, como eu já disse, colocando-se os verdadeiros autores, de propósito, num ponto de vista estranho. Não estou porém inteiramente certo que o Antero de Quental — porque é dele apenas que me ocupo agora, — não pusesse às vezes, com sinceridade, sentimentos próprios no que Carlos Fradique Mendes assinava.

Esta brincadeira, — porque não passou duma brincadeira, — revela porém um dos estados por que a miúdo passava o espírito do Antero de Quental: o do mais profundo e desanimado ceptismo.

— Todos os sistemas são equivalentes — disse ele, — todos os sistemas são bons, porque todos os sistemas são maus. A obra do Ser-colectivo «Humanidade» há-de fazer-se infalivelmente: está-se fazendo neste momento; estamos nós todos a fazê-la sempre; e, se não somos nós, alguém é, alguém será. Não nos desesperemos. Todos os sistemas são equivalentes: Mas é preciso ter um sistema, qualquer que seja.

E neste tom o Antero tinha ditos incomparáveis, proclamando a impassibilidade inexpressiva, e a absoluta inércia, como o ideal do aspecto do homem, em face do Enigma irritante das Cousas e das contradições insolúveis da Existência.

Jaime Batalha Reis

[25]

[«ANTERO ANDA ENTÃO ANSIOSAMENTE PROCURANDO UM EMPREGO PARA A SUA GRANDE ALMA»]

E a sua vida, com efeito, desde que saiu dessa «encantada e quase fantástica Coimbra», foi toda de movimento e de força. Antero anda então ansiosamente procurando um emprego para a sua grande alma. Viaja pela Europa Ocidental, ou antes passeia através dela os seus sonhos de liberdade e de justiça, para encontrar algures um mundo que lhes seja congénere e onde os possa plantar e cultivar com magnificência. Atravessa o Atlântico, por puro desejo de espaço e liberdade, num pequeno *yacht;* e durante semanas de tormenta trabalha descalço na manobra, ou, metido no seu beliche, que as ondas alagam, embrulhado num oleado, relê o «D. Quixote», com um interesse e uma paixão renovadas, talvez por sentir que nessa grande história da Ilusão está lendo a sua história. Percorre a costa da América, até à Nova Escócia; e aí, um domingo, tem uma visão que nunca esquece, a de uma cidade puritana (Halifax ou Lunenberg), silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de tijolo cor-de-rosa sob um céu cor de pérola, com fundas avenidas mais pensativas que as dos Elísios, onde os namorados passeiam, numa mudez de sombra, de dedos enlaçados, de pálpebras baixas, respirando sem outro desejo a flor da sua emoção. Quantas vezes Antero me contava dessa piedosa e suave cidade, e do longo apetite que ela repentinamente lhe dera de quietação eterna! Ao cabo de grossos mares atlânticos, Deus talvez lha mostrou como um prenúncio do seu destino: uma grande tormenta, depois um grande descanso — e um descanso a que Deus não era alheio.

Enfim, Antero volta a Lisboa, encontra o Cenáculo. Encontra o nosso querido e absurdo Cenáculo instalado na Travessa do Guarda-Mor, rente a um quarto onde habitavam dois cónegos, e sobre uma loja em que se agasalhavam, como no curral de Belém, uma vaca e um burrinho. Entre estas testemunhas do Evangelho e esses dignitários da Igreja, rugia e flamejava a nossa escandalosa fornalha de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia, de boémia feroz. J. Batalha Reis era o dono do aposento temeroso, e Via Láctea, galego ilustre, o seu servo. Via Láctea dormia pendurado, como um paio, da chaminé da cozinha. As suas ocupações não consistiam em escovar ou varrer. A Via Láctea fora confiada a missão transcendente de espreitar